ANO 3.º LISBOA--SEGUNDA-FEIRA, 13 DE AGOSTO DE 1923 N.º 712

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

IMPRESSÕES DE VIAGEM

O jantar do Gran-vizir

EM TETUAN

A realisação de um sonho das mil e uma noites

(Do nosso enviado especial)

Começa a hora a ser triste na cidade moira da musulmana Tetuan de Sid Almandri. Já estão fechadas as tendas pelas ruas excentricas do bairro arabe; as arcarias fazem sombra sôbre a propria sombra, e á entrada das mesquitas mouros velhos e nostalgicos, embiocados nas chilabas grossas de sacerdotes recitam versiculos do Koram.

O Palacio do Gran-Vizir fica no alto do coração de Tetuan arabe, não longe de mesquita sagrada — onde dizem que ha Santos loucos enterrados — de Sidi Ali Ben Rausuni. Domina as açoteas humildes, os tectos em grade aberta, por onde entra o ar e não pode sair uma mulher, dos pateos sumptuosos, e olha, como um grande Senhor, toda a mussulmania que chora, resignadamente, sob a pata do hespanhol gentil e dominador... O palacio do Grão-Vizir é um solar das mil e uma noites, e á roda do seu misterio correm lendas de amor e poesia, que não cabem na cronica.

Sid Almeal Erkauia, primeiro ministro, Gran-Vizir de sua Alteza Muley Mehdi Ben Ismail Ben Mohamed — o califa de trinta e trez anos que sofre de uma crise de abundancia de amor e de uma bronco pneumonia politica —, o Gran-Vizir é um bom velho rico e pacifico, de sorriso debilmente ironico, estatura de escravo e barba ascetica de sacerdote, que nos recebe á entrada, estendendo a mão, enquanto D. Emílio Tobau, «interventor», especie de introdutor de embaixadores, filho da grande actriz Maria Tobau, vai dizendo os nossos nomes, enigmaticos, transtornados, europeus, pequeninos. Agora é noite calada; no pateo canta um repuxo, e os salpicos lentos tintilam no esmalte do mosaico polido perfidias de velhas baladas arabes.

* * *

O palacio do Gran-vizir já nós todos o tinhamos desencantado em sonhos. Nos sonhos encontra-se tudo o que ha de belo na existencia. A faculdade de sonhar deve tê-la dado Deus aos pobres e aos desherdados da fortuna de correr mundo; de modo que quando a nossos olhos apareceram o pateo arabe, as colunas de mosaico policromo, as escadarias estreitinhas sobre tapetes de azulejos *arabis*, a renda maravilhosa dos tectos, os coxins baixotes forrados de tecidos orientais de purpura e ouro em fio de rebuçado, os lambris de damasco verde, os almadraques preciosos, onde toda a côr é viva como o labio de uma virgem, a pele de um fruto vermelho acabadinho de arrancar da arvore, ou o sol na hora do banho crepuscular; quando surgiram os tectos abertos, em xadrez, para o ar correr e só a lua e o sol espreitarem, e os pavimentos forrados de almatrichas persas e de aveludadas almandras côr de esmeralda, e os servos mouros, espadaudos e severos, de «babuchas» côr de rosa e «chilabas» caidas harmoniosamente com «peplum», e os escravos negros, altos e magros, como herois, e os lustres explendidos de cristal incendiado nos reverberos da electricidade intrusa, a reproduzirem minusculamente em facetas cortantes, os pavões, os lagartos, as cegonhas e toda a fauna dos tapis e das colgaduras—os nossos olhos encheram-se da volupia do encontro, babaram-se, como labios sensuais, do goso de acharem tal qual o sonho, mas não se espantaram da surpreza.

A noite agora é ainda mais quieta. Os hòspedes de Portugal, recebidos numa gentileza arabe, doce e carinhosa como uma poesia de desgraça ou de saudade, espalham-se pelos pavimentos do primeiro e segundo andar, e chegam ás adufas largas, de rejas abertas, por onde entram lufadas frescas que vêm da Alcazaba.

Espera-se alguma cousa. Espera-se o ministro espanhol, o representante de Silvela, o comissario, que a politica de Castela chamou a Madrid.

Um de nós tem sêde. Um mouro acorre e serve, num copo de cristal da Europa, agua clarinha, tirada do repuxo que vem directo do coração da cisterna. No fundo do copo, fazem peso e frescura doze, vinte pedrinhas da beira de algum regato sagrado: são brancas e côr de rosa, e rubis, como perolas e granadas, ou almandrinas que andam no colo das mouros—que ninguem vê.

Chega o ministro. Vai começar o jantar do Gran-vizir.

* * *

A sala é toda luz e a cor vermelha. Os espelhos de Bohemia, de mau gosto europeu, reproduzem infinitamente o oiro das paredes em seda e as expressões mudas dos convivas. O jantar — é á maneira moura.

Come-se no chão. Não ha talheres; come-se com as mãos. A meu lado esquerdo ficam Abdeslam Benuna, o moiro aristocrata e culto, filosofo e mesureiro, ironico e profundo, Ministro dos dinheiros da moirama, e outro moiro fidalgo, Habus Ali el Salaní, que administra os bens dos pobres, e veste menos pomposamente. A' direita estão o Ministro espanhol, diplomata que foi, sempre com um sorriso transcendente e um ar severo de senhor, e o meu colega Rocha Junior, com quem reparto as impressões de repugnancia que me vem de ter de comer autenticamente com as mãos, e as impressões de beleza e excentricidade que o espectaculo arranca do meu cansaço de imprevisto.

Recostados em almofadões fôfos e onde vive um aroma secular de sandalo—esperamos as iguarias. Servos mouros fornecem agua para lavar os dedos, e trazem no ombro uma toalha turca e banal, que aproveita a todos. Logo um outro servo enorme se adianta e põe no chão, sobre uma pianha de um palmo de altura, uma grande bandêja de metal amarelo, aberto em lavores marroquinos. Vem na bandêja um grande empadão. Benuna, o aristocrata, mete o dedo na iguaria, e rompendo a folhagem da massa tostada, arranca habilmente, como um medico, uma perna de galinha. Faço o mesmo; já desastradamente a gordura me escorre dos dedos, que eu vou limpando, disfarçadamente, ao miolo de pão, alvo e aromatisado.

É tudo aromatisado. Estamos em pleno reino de especiarias, dos perfumes, dos cheiros silvestres e doces. E roendo em silencio o osso tostado, ante copos de agua que os negros trazem tambem em silencio — descalços os seus pés caminheiros — ouço a voz subtil das cousas que não tem fala, e falam. Não ha vinho. Falta no festim a magia doirada, ensanguentada do vinho. Se houvesse vinho, e uma «demi-ivresse» fosse possivel, esta noite das mil e uma noites tomaria fantasticas formas de milagre, como nos sonhos do opio ou nas fantasias de musica de Wagner. Ah? Como chora agora a nossa alma romantica e sentimental de latinos! Ah! Como isto agora é triste e melancolico, e afoga todas as impressões de pompa, e de orgia dionizíaca! É que principia lá fora a oração da noite. É a hora dos «muadin», especie de padre nosso ou ave maria, que os arabes rezam antes de se recolherem, e os pequeninas mouras balbuciam nas suas caminhas côr de perola, rentes aos marmores do chão.

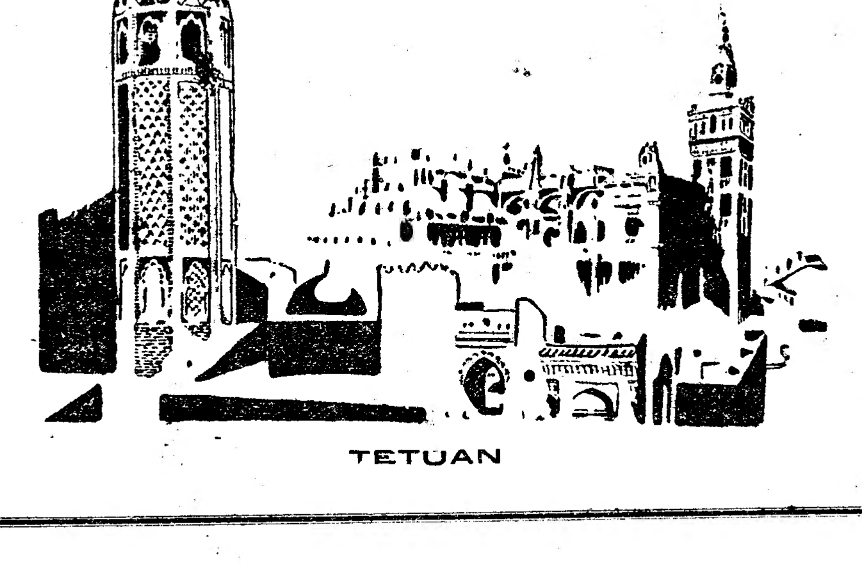
A oração é maguada, como um lamento. Não sei dizer. Não sei reproduzir. Não posso transmitir a quantidade de desgraça que vai, a soluçar, de açotea em açotea, nesta Ave-Maria arabe. Melancolia, resignação, confiança em Allah!

E faz-se na sala toda uma tristeza pungente. Mas agora acaba a reza, e pouco a pouco renasce a consciencia do festim, a realidade do jantar do Grão-Vizir.

Exactamente o Gran-Vizir não janta. Como Senhor da Casa, á entrada do pequeno atrio, que fica ao termo da escadaria, Sid Ahmeal Erkauia dirige o serviço. Á galinha de empada sucede-se outro grande prato, um prato real e fumegante de «almonjava», carneiro frito em banha, que todos comem á mão, e vem guarnecido de conservas aromaticas, que custam a tragar. E ao carneiro, mais galinha, rechiada de amendoa, que Benune, delicadamente, come ás mãos cheias, e ensina como é.

Como é! Como se come á mão! Ar-

(Vêr continuação na 4.ª pagina)



TETUAN

Tauromaquia

Uma corrida infantil

A corrida infantil que, em beneficio do Hospital de Jesus Cristo, se realizou em Santarem, foi uma alegria para os aficionados, porque foi a demonstração de que o toureio não morrerá em Portugal.

O Grupo Infantil Scalabitano que tanto entusiasmo provocou em Algés, em 3 de Junho, manteve-se á altura dos seus creditos. Toureiros de 8 a 14 anos, todos eles mostraram admiraveis faculdades para o toureio, colhendo fartas palmas.

Quando tocou para as cortezias e aquela multidão de crianças entrou na arena, ninguem supoz estar assistindo a um baile de mascaras infantil, mas sim a uma autentica tourada—tal o aprumo e a graça dos *niños toreros.*

Vamos traçar algumas notas sobre o trabalho de cada um:

Henrique Lucio Sales, um cavaleiro de 12 anos, assombrou-nos pela maneira como lidou as duas garraias que lhe couberam. Na primeira cravou bastantes ferros compridos bons, tendo uma grande ovação. Na quinta, depois de mudar de montada fez um toureio variado e alegre. Depois d'alguns ferros compridos, rematou duas tiras com ferros curtos—um deles superior. Temos ali um cavaleiro *de verdad.* Oxalá que continue, porque tem todas as faculdades para triunfar: estilo, valentia e *aficion.*

Bandarilheiros: José Gomes Fortes teve um belo par a cambio. Faustino Antonio Duarte e José Carlos da Silva Vigario, cravaram varios pares a quarteio, muito bons. José Silverio de Carvalho teve um toureio cheio de alegria e de estilo, cravando dois bons pares.

Forcados: Por serem muito possantes para eles, só duas das garraias foram pegadas: uma de cara e outra de volta, cernelhando muito bem João Bastos. O grupo muito unido e arrojado, sob a direcção de João Mendes Esmagas. As honras foram para Manuel Pires Beato Junior—uma criança de meio metro, cheia de valentia, que deu lições a alguns campinos de cabelos brancos. Com Manuel Faustino Duarte Junior, recolheu admiravelmente todas as garraias, indo-lhes sempre á cara com a vara—o que lhe valeu uma colhida. Apezar do seu meio metro de altura—foi o que se pode chamar um *campinão...*

Antonio Faustino Duarte fez a sorte de D. Tancredo com muito sangue frio.

* * *

A' noite foi oferecido um jantar aos jovens toureiros, discursando um dêles—José Silverio de Carvalho—que, num brinde cheio de graça, saudou Luciano Moreira que os ensinou e coadjuvou muito bem, o lavrador da Ribeira de Santarem, Alfredo Cesar Lucio de Sales, organisador da corrida e alma de todo o grupo e a imprensa, agradecendo lhe Luciano Moreira e o representante do *Diario de Lisboa.*
—*F.*

A MAIS SENSACIONAL E ATRAENTE DAS PEÇAS

20:000 DOLLARS

— no —

TEATRO NACIONAL

SOBERBO DESEMPENHO

TEATRO AVENIDA

HOJE

A rainha das revistas

BICHINHA GATA

APOLO Telefone n.º 4129

HOJE — As 9,15 em ponto
GRANDE SUCESSO
— da —
Companhia Maria Matos-Mendonça Carvalho
AS

Pupilas do sr. Reitor

Optimo conjunto — Esmerada encenação
LINDOS SCENARIOS

VIDA ARTISTICA

O ENSINO DA MUSICA

e como ele deve ser feito

segundo o maestro FRANCISCO DE LACERDA

O maestro Francisco de Lacerda, que o publico de Lisboa, ainda ha pouco, em três belos concertos sinfonicos, teve ocasião de aplaudir, vai falar aos leitores desta «Revista», onde a musica tem cabimento como qualquer outra das Belas-Artes, do que pensa do ensino musical no nosso paiz e do que seria interessante e util realizar, em pról duma solida revivescencia artistica, absolutamente, caracterisadamente nacional.

—Alem de «Pró-Arte»—a associação de artistas portugueses—fundada recentemente por si—e da «Filarmonia de Lisboa» a sua excelente orquestra,—que outras questões, de ordem artistica, o preocupam?

Francisco Lacerda responde numa voz firme de quem ha muito tem um plano traçado:

—Colaborar na organização do ensino da musica e do canto nas escolas do Paiz; recolher e fixar, com inteligencia e metodo, o rico «folklore» nacional; inventariar e publicar uma selecção das obras dos nossos notaveis compositores dos seculos XVI, XVII e XVIII.

—O que pensa do ensino da musica nas escolas?

—Penso que, ou se deve dar a este importante ramo da educação moderna a orientação, desenvolvimento e importancia que ele mereça e deve ter, ou riscar de vez, dos programas dos nossos liceus, a imperfeita concessão que ali se faz á musica. Tenho a impressão de que isso está sendo pessimamente feito e em detestaveis condições, na maior parte das escolas. O aluno, em geral, submete-se e esse estudo, imperfeitamente ministrado, com a repugnancia e tedio que habitualmente tem pelas coisas obrigatorias e massadoras; toma horror á musica e a quem a ensina. Ora, é justamente o contrario o que se pretende obter:—acordar na criança as suas faculdades artistico-musicais; despertar-lhe a curiosidade, a atenção e o interesse; fazer-lhe entrever, compreender e respeitar as belezas da Arte...

—E ácerca do canto coral?

—O ensino da «musica» e do «canto» nas escolas é uma questão muito mais ampla, muito mais complexa do que á primeira vista se imagina.

—Então?

—Começar, logicamente, pelo principio:—educar primeiramente os professores; escolher e adoptar livros; fiscalisar o ensino, etc.

—Educar os professores?

—Sim. Facultar-lhes os meios de se habilitarem; exigir-lhes, por meio de exames ou concursos, sérias provas de merito e competencia; nomeá-los definitivamente, crear-lhes, moral e materialmente, uma situação digna e respeitavel.

—E sobre o «falklore»?

—O «folklore» é uma velha mania minha. O «Correio dos Açôres»—um excelente jornal de Ponta Delgada—publicou, em tempo, um resumo do que eu penso a tal respeito. Olhe, o «Essai d'une bibliographie de la chansor populaire en Europe» de P. Aubry (1906), cita apenas uma publicação portuguesa, com a menção de mediocre... Ora, se eu consegui, lá fóra, aumentar o numero das citações, não pude, infelizmente, modificar a severidade da classificação... Foi nomeada uma comissão para estudar o plano e realizar a colheita do «folklore» poetico e musical no nosso paiz. Aguardo, com a maior confiança, os seus estudos e trabalhos. Essa comissão, a que indignamente pertenço é, pela competencia de algumas das ilustres personalidades que a compõem, uma segura garantia da seriedade e do valor dos trabalhos que dela se esperam.

—E como pensa recolher a parte musical, a mais dificil, a mais subtil, do «folklore»?

—A comissão decidirá... Todavia, julgo que todos estarão de acordo em que o fonografo póde ser, hoje, para esse fim, um excelente e infalivel auxiliar.

—O que pensa sobre a obra artistica dos nossos velhos compositores?

—O que deve pensar todo o musico português que não ignore a importancia e o desenvolvimento que teve a musica entre nós. Quem não conhece e não lamenta a perda das prodigiosas riquesas acumuladas na sumptuosa Biblioteca Musical do Rei D. João IV?... Em tempo—ha mais de 20 anos!—propuz, de Paris, que se subsidiasse um musicografo (ali conheci um, competentissimo, que a isso se prestava da melhor vontade) para vir, auxiliado por gente nossa, catalogar, classificar, etc., os impressos e manuscritos que ainda se encontravam nas nossas bibliotecas e arquivos ...Não fui, infelizmente, ouvido. A publicação, bem ordenada, de uma «Antologia dos compositores portugueses dos seculos 16.º e 17.º» será, um dia, uma magnifica revelação, não só para o Portugal ignorante e indiferente, mas para todo o mundo da Arte!

—A sua opinião sobre o nosso Conservatorio?

—Mal o conheço... Não tenho assistido a exames nem a exercicios colectivos de alunos; apenas conheço três ou quatro dos professores actuais; ignoro os programas dos cursos, os seus regulamentos, a sua organização... Pelo que me dizem, creio que ainda está muito longe de ser perfeito. O mesmo acontece lá por fóra; não ha Conservatorios modelos. A unica escola de musica que me satisfez,—porque nela se ministra, de uma maneira racional, com unidade e logica, um ensino completo,—é a «Scola Cantorum» de Paris, a minha escola!

—Aprova o pensionato no estrangeiro?

—Acho-o excelente; fui eu que o obtive, mediante concurso, para os alunos do Conservatorio; e fui eu, que já, então, ali era professor, o primeiro musico pensionado pelo Estado. Os pensionistas adquirem lá fóra uma disciplina mental que não se alcança no nosso meio. Tomam a responsabilidade de si proprios. Fornecem o maximo do seu esforço.

—O que entende por «classe» de orquestra?

—Entendo a organização e a função de duas aulas separadas, distintas, mas que estreitamente se ligam e completam. A primeira, destinada a formar executantes; a segunda a formar chefes de orquestra.

—Como educar um chefe de orquestra?

—E' tão vasto, tão complexo!... Olhe, sabe muito bem que, além dos dotes chamados «naturais»: bons olhos, optimos ouvidos, energia, memoria, atitude, etc., ha uma infinidade de coisas—de coisas sérias e indispensaveis—que se não adivinham. Tudo se aprende, mesmo a ter vontade. O principal é ter talento, dirá—e não se ensina a ter talento.

Eis o que nos disse Francisco de Lacerda, homem activo, inteligente, empreendedor, alma de artista a valer, amando a musica sobre todas as coisas... como suprema essencia da Vida!

ALVES MARTINS

(Da «Revista Portuguesa»).

Duas estrelas em Lisboa

Encontram-se presentemente em Lisboa, e hospedadas no mesmo hotel, um dos mais luxuosos da capital, duas estrelas de «couplet»: Candelaria Arys e La Goya.

Candelaria Arys encontra-se entre nós ha mais de tres meses. Para aqui veiu gosar as férias de uma prelongada «actuacion» nos primeiros palcos do genero.

Devido ás insistencias da emprêsa do Salão Foz, Candelaria Arys apresenta-se, pela primeira vez, na proxima quarta-feira, 15. Candelaria Arys, cançonetista de grande voz, considerada hoje a que melhor faz comunicar a dor ou alegria dos seus «couplets» artista de reportorio exclusivo, luxuosissimas «toilettes» e scenario proprio, atrairá ao Salão Foz, com a sua juventude, belesa e desenvoltura, todos os admiradores destes espectaculos ligeiros, e ficará na extensa galeria das estrelas, que aquele Salão tem apresentado, como sendo uma das de mais fulgurante brilho.

Dr. Salvador Marques
Doenças venereas—Urologia—Syphilis. Das 13 ás 14 1/2 e 16 17 1/2.
RUA AUGUSTA, 220, 1.º F.

S. CARLOS Telef. C. 5063
HOJE: DESPEDIDAS IRREVOGAVEIS
FIM DA TEMPORADA
A notavel peça inglesa
A CASA EM ORDEM
Magistral creação de LUCILIA SIMOES
Soberbo conjuncto
Explendida ensocenação do prof. Ant. Pinheiro
O TEATRO MAIS BARATO, AREJADO E CONFORTAVEL DE LISBOA
«Fauteuils» 6$00. Frisas e camarotes 25$00 e 15$00
ANTE-PENULTIMO ESPECTACULO
3—DERRADEIRAS RECITAS—3
DESPEDIDA NA QUARTA FEIRA

A's Senhoras
Ursulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Mundanismo

Aniversarios

Fazem manhã anos as senhoras:

D. Emilia Alves Arrobas, D. Maria da Conceição Viana Homem Machado Pizarro de Sampaio e Melo, D. Carolina de Faria e Sousa de Vasconcelos e Sá, D. Julia Alves Ribeiro e D. Maria de Lourdes Magalhães de Barros de Sousa Teixeira

E os srs.:

Conde de Calhariz, visconde de Vilharinho de S. Romão, D. José de Mascarenhas (pai), dr. Antonio Sarmento Horta Osorio, dr. Augusto Cancela de Abreu, João Martins Cardoso de Menezes (Margaride) e Vasco Peixoto Taveira.

Casamentos

Na capela do solar de Belinho, no Minho, realisou-se no dia 9 o casamento da senhora D. Maria Candida da Cunha Sotomaior de Abreu e Gouveia (Belinho) com o distinto escritor e brilhante dramaturgo sr. João Correia de Oliveira, tendo servido de madrinhas as senhoras D. Joaquina de Figueiredo e Almeida Correia de Oliveira e D. Maria Adelaide da Cunha Sotomaior de Abreu Gouveia Correia de Oliveira, respectivamente mãe e cunhada da noiva, e de padrinhos os srs. Antonio Correia de Oliveira e D. Vasco de Sousa Lobo Brandão, irmão e primo dos noivos.

Celebrou o acto o rev. prior da freguesia de S. Paio de Antas, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminado o acto religioso, foi servido na elegante sala de jantar do solar um finissimo almoço, seguindo depois os noivos para a sua casa em Lisboa, onde vieram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

=Realizou-se em Aguiar da Beira o casamento da sr.ª D. Maria do Ceu Sequeira, com o sr. Antonio Joaquim da Silveira e Cunha, tesoureiro da Agencia do Banco de Portugal de Vizeu. Ao acto civil e religioso assistiram muitas pessoas amigas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a senhora D. Fernanda Farinha da Silva de Andrade, esposa do sr. Rogerio Ferreira de Andrade, distinto escultor e professor das Escolas Industriais, irmão do nosso colega de redacção sr. Alvaro de Andrade. Mãe e filho estão felizmente bem.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará amanhã de tarde «rendez-vous» nas «matinées» do Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes e á noite na ultima recita da moda no teatro de São Carlos, na qual se representa a magnifica peça «A Casa em Ordem», brilhante trabalho da ilustre actriz Lucilia Simões, e no Salão Luiz, estreia da notavel «tonadillera» Goya, na revista «Fado Corrido».

Em viagem

Encontram-se já na sua casa em Cascais, com sua gentil filha D. Ana, os srs. Duques de Palmela.

— Vindo de Coimbra, está em Lisboa: o sr. Conde do Juncal;

— Acompanhada de seu sobrinho, encontra-se nas Pedras Salgadas, a sr.ª D. Alice Barjona da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca).

— Para a Anadia partiu com sua esposa a sr.ª D. Julieta Neves Ferreira Cancela de Abreu, o sr. Dr. Paulo Cancela de Abreu.

— Partiu para a sua casa em Cascais, acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, o sr. José Ribeiro da Cunha.

— Com seu filho Francisco partiram para a sua casa em Pombal, o sr. Conselheiro Francisco Patricio e sua esposa a sr.ª D. Maria Madalena de Trigueiros Martel Patricio.

— Acompanhado de sua irmã a sr.ª D. Heldisa da Costa Morais Neves, partiu para Bordeus, o sr. João Damasio da Costa Morais, ilustre consul de Portugal em Casa Blanca, Marrocos.

Dr. J. Duarte da Silva
CLINICA CIRURGICA—DOENÇAS DAS SENHORAS.—Das 14 ás 16.
RUA AUGUSTA, 220, 1.º F.

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE — ás 21,45 — HOJE
O grande acontecimento do dia
FADO CORRIDO
CELEBRE REVISTA
em scena ao mesmo tempo no Teatro Maria Vitoria
O maior sucesso da actualidade
O mais deslumbrante espectaculo—Uma noite de alegria e de gargalhada
AMANHÃ
Estreia da celebre tonadillere «LA GOYA», que ha 12 anos fez extraordinaria sensação em Lisboa, no inicio da sua carreira.

TEATRO MARIA VITORIA
(Avenida Parque Mayer)
HOJE Ás 20 3/4 e 22 3/4 HOJE
A monumental revista
FADO CORRIDO
Preços populares
Fauteuils, 1.ª fila, 10$000; cadeiras, 4$50; geral 2$00

EDEN TEATRO
HOJE — A's 21 e 22,45 — HOJE
2—SESSÕES—2
Espectaculo permanente de VARIEDADES—Preços populares com direito ás 2 sessões.
Grande sucesso
3.ª apresentação
Antonio Caldeira
ESTREIA
Dani Garcia
Bailarina classica espanhola, primeiro premio de costumes do teatro Royal de La Monnaie de Bruxelas.

LITERATURA

AS TRES VOZES

por SEVERO PORTELA JUNIOR

Dialogo entre um fantastico cavaleiro e uma sombra mais negra que a propria treva

Era por uma noute fantastica em que o arfar da noitada tremeluzia as estrelas e varria a poeira lusente da Estrada de Sam Tiago em redemoinho, e gemia nos pinheiraes penetrando tudo n'uma caricia de gelo cortante como o aço laminado. Os tójos e giestas, rosmanos e urses, ou pinheiros e freixos a todos a nortada vergava, fustigando o platano colosal ou o alecrim rasteirinho, na mesma endemoniada furia de ventar. No drama flutuante da noute havia presagios maus, cantos agoireiros de mochos, soluços profundos imergindo dos bócos n'uma orchestração formidavel, que o Mêdo regia com a sua batuta de treva. Na teia rendilhada do ceu, em vacilações de luz, ieroglifos de estrelas, lusiam em constelações lendarias, em esbrasamentos fericos, que a sombra das nuvens empalidecia vagamente. O ceu estava crivado de lusinhas, resquicios de mundos incendiados, turbilhões de estrelas acesas, flutuando na nave fantastica da noute, em apoteoses deslumbrantes de claridade, e magnificencias de sonho. Miriades de sois polulavam em cohortes remurosas, rendilhando labirintos de formas estravagantes, constelações sonambulas onde se perdia a vista, em fascinações irresistiveis. O ceu escrinio de pedrarias raras acendera n'essa noute, o luseiro de todos os astros, em iluminuras refinadas, onde faiscavam as mais reconditas sintilas, e as mais coruscantes facetas, como quando em noutes triumfaes, ascendem ao ceu as almas dos justos. Sómente a noitada murmurava a sinfonia estranha do seu ventar, agitando os ramos das arvores, desgrenhando os arbustos, revolvendo o pó dos caminhos, arrancando sons fantasticos á ramaria, em rajadas de colera, que vibravam no seu violino demoniaco, como um gargalhar de doido na nave d'uma catedral.

Uma sombra mais negra que a noute flaava pela estrada do Norte, com um tropel que o vento abafava e que o pó do caminho amortecia. Era o vulto d'um fantastico cavaleiro de lusente armadura levando ao hombro o escudo aberto de golpes, caminhando apoiado na lança partida e seguido d'um livido e alvacente corcel de batalha. A lua espreitava entre nuvensinhas com a sua mascara de neve, frioronta e timida, e a armadura do abatido cavaleiro coruscava na noute, e a lança partida sintilava e o escudo d'aço poïdo, refletia o brilho quimerico das estrelas. E lá hiam ambos caminhando na noute; o cavaleiro negro e coruscante e o misero corcel, esboçando em sombra, a sua magresa de cadaver. E lá hiam sempre. Aventurados os dois, por uma noute d'aquelas, em que ora lusiam as luminárias, ora o ceu se botava opaco e tenebroso, golfando pela boca do Vento ameaças tétricas e bramindo surdas vinganças de deixarem estarrecidos os mais afoitos.

Mas eles caminhavam sempre, sempre n'um telintar ferragens de guantes, couraças, elmos, ecoando pelas quebradas n'um desacato lugubre, como o entrechocar de ossadas de esqueletos em risos escarninhos. De tempos a tempos o abatido cavaleiro parava indagando a noute, interrogando o sete-estrelo, e depois, seguia novamente perdido na treva, arreatando aquelle fantasma de cavalo sorvado e lasarento que era como que um espectro da Derrota.

O Norte siflava— Dos pinheiros gemebundos vinham gritos de corujas, risadas de bruxas, que rasgavam freneticas a treva, dramatisando a Noite e enchendo de terror o cavaleiro.—E ele continuava sempre a sua marcha de vencido — quem sabe se sendo algum principe desbaratado — perguntando qual o rumo da sua patria, arrastando pela escuridão o seu vulto de lenda.

Mas a ventania redemoinhava sempre, esbandalhando a gafurina do arvoredo, enchendo de rumor os matagais, açoutando tudo, numa vesania demoniaca, sinistra e pavorosa. E o poto e abatido corcel ia mordendo a poeira em busca dalgum cardo que medrasse no caminho, lambendo o orvalho das pedras para saciar aquela sêde de dias — As estrelas candentes riscavam na armadura amolgada do cavaleiro o brilho fervilhante das suas correrias, e ele caminhava exitante pela treva inquirindo do coração onde era o Norte e perguntando a Deus o seu caminho.—E sem rumo, por muito vagueou, em caminhos pedregosos que a Noite escondia no seu seio — tomando por charnecas, atravessou rios, crusou matagais gementes, rasgou as carnes nos tojos dos caminhos, e assim despedaçado, abatido e receoso longo tempo crusou a escuridão, alucinado e febril. — Seus olhos perdidos, na amplidão do ceu, que agora era triunfal e rutilante, dialogavam com as estrelas, interrogando o veludo de prata da mascara da Lua.

O vento limpara as nuvens, e o ceu abria seu relicario de pedrarias de soiś faiscantes, avalanches de estrelas tremalhadas, vaga-lumes de astros noctilusindo na cupula infinita do firmamento, com fluvios trementes de claridade — Luseiros do Santelmo e do Sete-Estrelo em luminosidades dealbantes.

E foi-se arrastando até chegar a uma encrusilhada onde havia um calvario, e ahi já exausto, encostou-se brandamente ao corcel, quedou-se pensativo, e a sua voz soou de mansinho preguntando à pedra do cruseiro — imagem de Jesus — qual o seu caminho por entre a treva.

E da escuridão uma voz lhe respondeu que era duma sombra mais negra que a propria treva, voz ainda mais tremenda que o soluçar do Vento:

— «Que buscas, cavaleiro assim exausto e abatido com teu corcel moribundo?»

E num ciciar fremente de oração respondeu o cavaleiro:

— Busco o sonho que toca a irrealidade e que desfolha tudo em quimerico nevar. Atravessei montanhas, desertos, mares e trago derrotas, desenganos, desilusões, venho rôto, ferido, moribundo, e quero alcançar a paz, repousar *lá* nessa Patria que busco, e que em sonhos entrevejo. — Mas debalde a procuro, perdido, nestes caminhos, arrastado na asa do Vento e só tu, genio da Noite ou sombra de *aiguem* me podes encaminhar.

—Mas diz-me, tornou a sombra, vens de alguma batalha?

Venho sim, volveu o cavaleiro, venho duma guerra, e fui desbaratado.

O sonho é sempre vencido! Hoje creio na inutilidade do esforço, embora queira ainda batalhar. E a sombra interrompedo-o: O maior esforço é o esforõo de viver, anda comigo que eu te ensinarei.

O cavaleiro ergueu-se das pedras dos degraus, encarou a sombra que estava no cimo do Calvario, e lá foram os dois, por uma vereda cheia de abrolhos e de espinhos, peior que todos os caminhos já andados.

—Mas como tu ainda não reconheceste a tua companheira de sempre—disse a sombra pelo caminho. Olha que te tenho amparado toda a vida. Desde criança que te acompanho. Quando morreu a princesa tua Mãe, lá estava eu quando me cahiste nos braços. Quando sofreste a primeira derrota foi comigo que choraste as lagrimas de sangue da desventura. E, não te lembras, quando foi da ultima desilusão, quando te fugiu a amante, como eu dilacerei com as minhas garras finas de abutre, o teu coraçãosinho inerme e puro, até deixálo despedaçado e sangrento. Como te esqueces! Não te lembras já, como eu te mostrei o amor, como eu te empurrei com violencia para o combate, como te vesti a armadura reluzente e te obriguei a empunhar o gladio?

—Mas quem serás tu—volveu o cavaleiro—que tens sido a minha companheira intima, que sabes, de cór, todas as horas da minha desventura e que m[illegible]cidaste o coração, para o abandonares sangrento e moribundo?

«Não sei que nome me dão, mas como sou sombra devo ter nome de Deusa. Fui eu que idealisei os Santos, que criei os martires, e que fui docemente ao cimo do Calvario, suspender uma aureola de luz vibrante, que derramasse, ainda mais agonia, no rosto purissimo de Jesus. E sou eu, sempre, que arrebato as almas, que as levo á minha irmã Morte que as purifica e que as conduz a Deus, numa rutila ascenção, em que ha labaredas de fogo acariciadoras, e suavissimos adejos de serafins. Foi do meu ventre (e mostrava o ventre horrivel e negro) que nasceu o Amor, que vai aliciar, render as almas, para eu depois ir no fragor desordenado da Paixão, rasgar, dilacerar essas almas perturbadas, que o Amor encheu de encantamento, e que eu depois vou sinistramente estrangular, com as minhas garras de ferro em braza».

—«Se foi do teu ventre que nasceu o Amor — respondeu o cavaleiro — então és o Sofrimento, és a Dôr. E pondo um pé no estribo, ia saltar para cima do corcel quando a sombra o deteve — Espera! Por mais que fujas, quer te escondas em palacios de ouro e pedraria, quer te abrigues em misera choupana, eu estarei sempre a teu lado—Eu sou a Dôr. Ando na terra, no mar e no ceu—sou infinita. Gemo nas vagas dos naufragios, ando no rolar das estrelas, e comungo no fogo devorador, que desventra os vulcões e que desmaterializa as almas, em irradiações luminosas e fulgurantes.

Ando no batalhar constante da vida tumultuosa, no fragor inexoravel dos odios, penetro até á essencia das coisas, encho a alma do Homem e vou rolando do coração para a alma e da alma para o Amor, até adormecer no seio gelado da Morte.

— Mas este não é o caminho que buscava— volveu o cavaleiro andante—eu não procurava a Dôr; o meu rumo era outro. Não é esta a estrada que me serve! E montando no corcel, voltou costas á sombra, para as bandas do norte em direcção ao calvario da encruzilhada.

E a sombra soava gargalhando ao lado do cavaleiro. Buscas talvês o amor, louco cavaleiro? O amor é meu irmão e eu falo por ele.

— Quando me puz a cantar o amôr foi quando Jesus ergueu a sua voz feita verbo, verbo da luz do espirito. E fui eu—foi a Dôr—que fez o milagre de cantar pela boca de Jesus o amôr e o repartiu pelos espiritos e o dividiu por tudo; pela montanha, pelas flores, e pelos homens.

—«Se queres o amôr, anda comigo que sou eu *só* que sei aonde ele está»—Olha que quem canta o amor sou eu sempre—a Dôr. Foi sempre nos meus labios que floriu, nasceu o amor feito verbo, sou eu que pela *forma* e pelo *som* dou vida ao amor feito beleza, e sou eu ainda que fazendo-a luz, ilumino os espiritos para lhes mostrar Deus.

E o cavaleiro estacou, sopeando o corcel, e da nuvem de poeira que o envolvia preguntou:

—«Mas a Dôr canta? ou chora?»

E a sombra respondeu:

— «Canto na boca do amor e reso nos labios da Morte. Quando canto é sempre a canção da agua, o murmurio rumorejante no ventre das montanhas, ou o idealismo que Jesus derramou nas almas numa ascencional oração a Deus. E quando reso são sempre credos a Deus, ao beijo espiritual e infinito que Ele colou com o fogo criador dos seus labios na face sonambula da natureza e na sua sintese ideal—O homem. Mas a vez, [illegible] alta que ainda me rezou, foi a de Jesus, e tam alta, que a sua oração fez-se verbo e verbo de amor. Foi o osculo infinito na face de tudo, que comoveu, fascinou o coração, sucumbiu as almas e fez a noite chorar, as suas mais lindas lagrimas de estrelas.

— «E o cavaleiro vendo que a sombra o envolvia cada vez mais, gritou-lhe num supremo arranco:

—Vai-te!

Some-te Dôr, no turbilhão da Morte! Persegue-me, mas que eu não sinta a tua presença vaporosa e tenue, apertando a minha alma como um torniquete em braza.

E a sombra esgaçou-se na fimbria delida d'uma nuvem, murmurando ainda:

—Volverei á forma impalpavel, ao fluido e irei abrigar-me outra vez na tua alma.

... ...

SEVERO PORTELA JUNIOR

(Final do primeiro capitulo)

ANALISES — INSTRUMENTOS CIRURGICOS
MOBILIARIO CIRURGICO E SANITARIO
Autoclaves, macas rodadas, cadeiras de repouso, etc.
As principais oficinas d'este genero no paiz
PRODUCTOS CHIMICOS E FARMACEUTICOS
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
LISBOA — 103, L. Duas Egrejas — PORTO — 90, Rua Sá da Bandeira

La Goya em Lisboa
AO PUBLICO
A Empreza do Teatro São Luiz tendo conhecimento da passagem por Lisboa da celebre tonadillera La Goya, que por vezes, varias emprezas teem infrutiferamente tentado apresentar, conseguiu, não se poupando a despesas, que a grande artista tome parte em 3 unicos espectaculos, o primeiro dos quais é amanhã no Teatro São Luiz.
La Goya é a creadora do moderno genero de canções que lhe têm grangeado a reputação mundial de primeira e mais notavel tonadillera.
La Goya apresentar-se-ha no 2.° acto da festejada revista Fado Corrido que prosegue na sua carreira trinufal. Para se poder representar a revista Fado Corrido completa e a celebre La Goya poder representar varios trabalhos, estes espectaculos começarão ás 9 horas e trez quartos da noite.

AVENIDA PARQUE
Antigo Parque Mayer (á rua do Salitre)
VARIEDADES
Concertos de *jazz-Band* — Serviço de refrescos na explanada — Teatros — Glissagem — Tombola de animais
O recinto mais animado e agradavel de Lisboa
As senhoras e crianças acompanhadas de cavalheiro e familias têm ENTRADA GRATUITA

POLITEAMA
Emp. Luiz Pereira — Telefone [illegible]
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
Direcção artistica de ARAUJO PEREIRA
A'S 21,30 — GRANDE SUCESSO
A comedia em 3 actos
A VENTOINHA
3 HORAS DE GARGALHADA!

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Elegia

Pelo caminho perfumado onde subia muito doce, em fio, o aroma quente e sensual das glicinias, que caiam exangues sobre os muros, quatro criancinhas severas e tristes, levavam um caixão aberto.

No incenso da tarde, fechada sobre os montes como cupulas de azul, rosas brancas desfalecidas na paisagem, arvores banhadas de pranto, cobertas de ouro, como um feretro real, o pequeno cadaver de criança, adormecido na ultima Avé-Maria, era como uma pomba morta num ninho de flores.

Aquela criança era a saudade de um ultimo amor! Com que fé, com que ancIedade a mãe sustentara aquela alma vacilante, pequenina, infatigavel e tremula, como uma aza ferida, nas suas mãos, já que o seu grande amor morrera entre um beijo e uma despedida!

Mais tarde, pela primavera, em seus olhos velados de tristeza, um azul inocente de manhã fôra crescendo, enlouquecendo-lhes as pupilas, e aquele amor renascera, agora puro, sincero e infinito, naquele pequenino ser que lhe fechava as palpebras, e lhe secava as lagrimas com demorados beijos.

Mas até esse estava condenado! Fôra um filho de amor, não fôra um filho de Deus! A enterrar não ia só aquele cadaver de criança, ia um coração, ia uma saudade, triste ramo seco de glicinias, de aroma mais doce e mais suave do que o das flores suas irmãs, que caiam exangues sobre os muros por onde agora passava o caixão branco e pequenino.

J. V.

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50-CHIADO-LISBOA

Revista "de TEATRO„
Acaba de sair o n. 11 contendo a peça em 3 actos
A LUVA DE RICARDINA
de Ricardo Durão
E COLABORAÇÃO ESMERADA
Proximo n.º 12-SENSACIONAL-1.º aniversario
Cêrca de cem paginas
30 DE AGOSTO

CAMBIOS

DIA 13

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	2 5/16	2 11/64
» 90 dias	=	=
Paris	1$330	1$355
Berlim	=	=
Holanda	9$430	9$470
Madrid	3$280	3$310
Bruxelas	1$0.0	1$082
Roma	1$022	1$030
Suiça	4$355	4$390
Suecia	=	=
Noruega	=	=
Dinamarca	=	=
Nova-York	24$400	24$200
Brazil	=	=
Rio Londres	=	=
Libra esterlina	=	=
Agio do ouro	=	=

IMPRESSÕES DE VIAGEM

A melancolia ARABE no jantar do gran-vizir

(Continuação da 1.ª pagina)

ranca um pedaço de pimenta cosida em molho de sandalo e laranja brava, e neste instante ao gosto da laranja — começa a orquestra a gemer no interior do palacio.

Musica andaluza! A alma de Andaluzia, n'uma malagueña sensual e risonha como a cabeça de uma sevilhana, que leve um grande *clavel* vermelho sobre o cabelo preto, repousado no encosto de um *peine*, herdado de alguma princesa de Granada.

Delicio-me, e toco no braço do meu camarada português. Abdeslam sorri, o espanhol de Espanha sorri, o mouro enorme que serve á mesa—sorri, e deixa pousar outra grande bandeja de iguarias: mais galinha, galinhas inteiras, em que já dedo algum toca, galinhas de representação, fofas e adornadas de picantes e aromas exquisitos.

Ah! Recomeça a tristeza. É a musica arabe. Toda a alma marroquina, incendiada de revolta ou amorosamente lirica passa, irregularmente, na toadilha arabe.

O poeta, a meu lado recita, para eu ouvir:

Ma ahsanahe en ahsenat nahedon hesna,
Uaien heia dannat felgaramo adne...

E traduz e eu traduzo:

— Que linda que tu és, se me dás o bem da tua adolescente beleza! Se não me dás este bem, ó encanto, dá-me ao menos o direito de me incendiar de amor por ti...

Acabaram as gorduras; começam os doces. Já oiço ferver o chá, chá abençoado, chá de oiro e de violeta, chá de Londres e de Ceylão, chá meu amigo, que eu não bebo em Portugal, e que vou beber agora embrulhado em hortelã e lucialima, aromatizado, sensualizado, tornado cousa redentora, para lavar meus labios da gordura das almonjavas e do suco das «almendras dulces».

E agora a orquestra de violinos embala-nos o fado. E' uma outra tristeza feita saudade; é um fado de Portugal, sentimentalissimo, quasi brazileiro, onde não ha a melancolia arabe ou a desgraça andaluza, mas sim a fatalidade, que o originou. E o fado, muito corrido nos violinos extranhos, vai dando notas piegas, doentias, deliciosamente agradaveis, e a gente principia a estender-se nos coxins e nas «almohadas» de seda velha, e a cahir para traz, e a perder a linha castiça dos mouros, que usam as pernas traçadas quando sonham. E sonhamos todos ao som do fado, na alma do chá, que sobe em espirais invisiveis da superficie quieta das chicaras orientais.

Já os negros levam os estrados, as pianhas, as bandejas enormes, e dos jarros marroquins brota agua limpida, que um sabonete rosa perturba, e nos salva definitivamente as mãos, e a boca, e a sensibilidade, das gorduras originais do jantar do Gran-Vizir.

Fuma-se cigarros. Os pires servem de cinzeiros. Recostados, deitados, estendidos sobre os almadraques rasteiros, criamos dentro de nós a ideia latina da mulher moura ausente, e adivinhamos que naquele Palacio, onde vivem oitenta mulhersitas arabes, estão neste momento, ansiando por nos verem detras das rotulas, os seus olhos misteriosos, que fazem a lenda de Tetuan, olhos belos onde nós, os homens de Portugal, haviamos de passar com certeza, tão delicadamente, tão lirica, alvoraçada e amorosamente, como nas suas almas á tardinha as canções dos pastores de rabanhos, o cantico infeliz dos almuedanos, o som das trombetas que antigamente atroavam os «zocos», e a poesia dulcissima e maguada dos «muadin», no coração das ave-marias arabes.

Agora nos espargem sobre a cabeça, de um grande perfumador de prata, agua de «azahar», agua de flor de laranja, que se deita no chá, que se deita nas mãos, que se deita no rosto, que se bebe, que enche o ar, que corta o olfato, sacode os sentidos, e começa a levar a gente da realidade carinhosa do facto para uma outra realidade embaladora do sonho.

* * *

Quando saimos de casa do gran-visir, em pleno bairro em sombra, iam pelas ruas, cosidos com as paredes, mouros mendigos, de «chilabas» negràs, que nos olhavam, no misterio perpetuo da sua raça, como a uns intrusos, a uns barbaros, uns ladrões.

Coitados dos mouros mendigos! Talvez que eles tenham razão...

Norberto de Araujo

Pelos teatros

«La Goya»

Antonio de Macedo, emprezario integente e activo que sobrepõe o desejo de bem servir o publico aos mais onerosos encargos monetarios, contratou para um reduzido numero de espectaculos a celebre coupletista espanhola «La Goya» que ámanhã faz a sua primeira apresentação ao publico de Lisboa no Teatro S. Luiz no 2.º acto da revista «Fado Corrido». «La Goga» intrepretará um soberbo programa, exclusivamente seu, que deve despertar invulgar entusiasmo.

A distinta e notovel artista reunirá no Teatro S. Luiz as milhares de pessoas que estão anciosas por admira-la e aplaudi-la.

Alves da Cunha

Reaparece depois de amanhã no Politeama, o ilustre actor José Alves da Cunha, na peça Alma Forte, *que é uma das belas do seu reportorio, grande e audacioso, havendo, como é natural, grande interesse do publico em tornar a ver o simpatico artista. Na* Alma Forte *em que Alves da Cunha desempenha a formidavel figura ao protagonista, o principal papel feminino é interpretado pela ilustre actriz Berta de Bivar, já hoje figurando no primeiro plano das nossas artistas de categoria, entrando igualmente no desempenho, tornando-o mais homogeneo e brilhante o distintissimo actor Ribeiro Lopes, que desempenhará o papel que criara nesta peça.*

Deolinda de Macedo

A gentil e aplaudida atriz Deolinda de Macedo acaba de sofrer uma melindrosa operação que decorreu o melhor possivel, encontrando-se, felizmente, em estado satisfatorio. Foi seu operador o distinto cirugião sr. dr. Hermano de Medeiros. Deolinda de Macedo, logo que esteja restabelecida, retomará o lugar que ocupa na companhia Otelo de Carvalho.

Atrás do reposteiro

Estreou-se no Teatro Lirico, do Rio de Janeiro a Companhia Palmira Bastos, representando a peça *Mamã Colibri*, tradução de José Sarmento, tendo sido acolhida pelo publico fluminense com grandes demonstrações de simpatia e fartos aplausos.

— Regressou a Lisboa o emprezario Oscar Ribeiro, que vem completar a Companhia que, sob a sua direção, vae funcionar no Nacional do Porto e da qual será seu director de scena e fiscal do palco o actor Gabriel Prata e ensaiador e *meteu-en-scene* Henrique Sant'Ana

— Não é verdade que a atriz Amelia Pereira fôsse contratada para a Companhia Rei Colaço-Robles Monteiro, visto que pertence á Companhia Lucilia Simões. A entrada para aquela Companhia de Rafael Marques ainda não está definitivamente assente, encontrando-se preso a outros compromissos o actor Ribeiro Lopes.

—Os scenarios para a peça da Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho está ensaiando no Apolo. *A lei dos Morgados*, que se seguirá ás *Pupilas do sr. Reitor* estão sendo pintados pelos scenografos Renda, Serra e Amancio.

—Os artistas que constituem a *tournée* Celeste Leitão, Maria Emilia Leitão, José de Azambuja, Mario Viana, João Santos, A. Deziré, Adelino Nazaré, José Gambôa, Henriqueta Fernandes, Mario Torres e Milirina Neves, escrevem-nos queixando-se da maneira como foram tratados pelo proprietario do unico hotel existente em Pombal na sua recente passagem por aquela vila; onde, aliás, o publico os recebeu muito bem.

—No dia 14 estreia-se em Santarem a Companhia João Alves da Silva, da qual é primeira figura a actriz Carmen Osorio.

—No Politeama, hoje e ámanhã, realizam-se os ultimos espectaculos da peça «A Ventoinha», grande exito da Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha.

—Deve chegar ámanhã, ou depois, a Lisboa, vindo de Barcelona, o emprezario Augusto Gomes, director da «Troupe Portugalia», que continua trabalhando naquela cidade espanhola.

—Estreia-se hoje no Eden-Teatro a bailarina classica Dina Garcia, cuja estreia, anunciada para sabado, se não realizou por só hoje de madrugada ter chegado a Lisboa.

Dina Garcia, primeiro premio de costumes do teatro «Royal de La Monnaie» de Bruxelas, vem precedida de uma aureola de grande celebridade no seu genero, pois é cotada no estrangeiro como estrela dos bailes classicos.

Com esta estreia coincide a 3.ª apresentação do baritono português Antonio Caldeira que tem sido muito aplaudido, e tem chamado ao Eden todos os amadores de canto e boa musica.

POLITEAMA
HOJE
A Ventoinha

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

TUDO ESTÁ CARO!

O jogo DO BILHAR e o que nos diz o professor Gorjão, campeão de Portugal

Nos tempos em que o dinheiro era a serio, os amadores de bilhar divertiam-se a seu modo, jogando o seu jogo predilecto á razão de dezasseis centavos a hora. Hoje uma hora de bilhar custa três escudos e trinta e seis centavos! Este preço proibitivo afugentou os jogadores?

Ouçamos o professor Miguel Gorjão, entendido no assunto. Ele responde-nos que não. E acrescenta:

—Não se encontra em parte nenhuma um bilhar vago. O entusiasmo não afrouxou com o extraordinario aumento de preço. E o peior é que não aparece uma mesa de bilhar que esteja afinada. Os proprietarios das casas onde se joga o bilhar não veem mais do que a exploração do negocio. E se fizermos observações falam-nos logo da carestia das materias primas, sem levarem em linha de conta os fabulosos lucros que auferem.

—Porque deixaram de efectuar-se os campeonatos de bilhar?

—Luta se com enormes dificuldades para a sua realização. As direcções dos clubs onde há bilhares alegam que esses torneios lhes acarretam prejuizos financeiros e os estabelecimentos publicos nem querem ouvir falar em tal! E é pena que já não haja campeonatos. Temos presentemente em Portugal um grupo de amadores como nunca houve.

—Quais são os mais habeis?

—Alvaro de Cardoso, o «az» do bilhar. Reune todas condições necessarias ao jogador perfeito. Bela tacada, magnifica «pose», grande golpe de vista e admiravel firmeza. A seguir citarei Alfredo Ferraz, campeão das ilhas, Antonio Santos (Carcavelos), João Pereira, Afonso dos Santos, Cesar Barreiros, Angelo dos Santos, João Rodrigues, Amadeu e os amadores portuenses, em nada inferiores, Guilherme Andresen e Americo Teixeira (Teixeirinha), ambos meus discipulos e que faziam magnificas partidas com os amadores lisbonenses.

Americo Teixeira bateu um «record» que ainda não foi excedido em Portugal. A jogar comigo no Porto, no Club dos Fenianos, em outubro de 1912, fez uma serie de 302 carambolas em 14 minutos.

—E o sr. onde costuma jogar?

—Raramente jogo. Passam-se anos sem que eu jogue. A ultima vez que o fiz foi com Angelo dos Santos, na noite da chegada dos nossos aviadores ao Brasil. Note que eu apenas considero «jogar» quando tenho um bom adversario ou quando os meus amigos se incomodam para me verem em «partida livre».

—Ha quem diga que a partida livre é monotona, por causa da serie americana...

—Tambem a raposa disse que as uvas estavam verdes... Só os que não sabem fazer a serie americana podem afirmar que ela é monotona.

—Não editou agora uma serie de bilhetes postais com lições de bilhar?

—Sim. Pode chamar-se a essa edição o bilhar sem mestre.

Quem tenha bilhar em casa, muito aproveitará consultando os meus bilhetes postais, que ensinam de maneira clara e precisa o modo de realizar as mais belas carambolas. Nas provincias, onde eu já tive ocasião de ver jogadores com grandes aptidões, mas que não podem, por falta de conhecimentos jogar bem, os bilhetes postais prestarão tambem esplendidos serviços. Brevemente editarei a segunda colecção, se a primeira conseguir o acolhimento que espero.

J. N. CUNHA, L.DA
Joalheiros Telefone Central 3405

SCENAS DE HOJE

A «bicha» DO CARVÃO

Uma balburdia na rua da Rosa

- por causa da carencia do combustivel -

Rua da Rosa, aqui ao pé do jornal. A uma esquina, uma carvoaria com loja de «comes e bebes», e á porta, uma legião de mulheres a barafustar. Que diacho será isto? O jornalista, que ia passando, em busca de assunto, parou no «local do sinistro», e pôz-se a inquirir:

—O que é? Ha fogo? Houve alguma desordem?

—Quel fogo, nem qual raio...! Antes fôsse fogo, e estes amaldiçoados ardessem todos assadinhos como sardinha na grelha...!

A informadora era uma mulher muito feia, com bigode e pera a darem-lhe aspecto de sogra das de cabelo na venta. O conglomerado era... isto a que chamam «bicha» do carvão.

* * *

Puzemo-nos a investigar em meio da balburdia, na mira documentar a scena:

—Então falta o combustivel?

—Olhe, sabe que mais, —ilucidou uma creada de servir toda abespinhada—meta-se lá na sua vida e deixe-nos em paz. Comestivel será a sua avó torta!

Um homem de fato preto e chapeu de toureiro, mas em dia com o vocabulario, sorriu da ignorancia da creada, e pôz a questão nos seus termos:

—Lá carvão não falta. O que falta são autoridades que metam estes patifes na ordem. Toda esta escassêz é provocada de proposito para se conseguir mais um aumento de preço. Em Sintra, por exemplo, ha carvão a dar com um pau.

—Olhe, não vá mais longe, —intrometeu-se outra das circunstantes—o «meu» inda ontem me disse que os armazens das subsistencias estão mesmo a deitar por fóra. Isto é tudo «fita» para...

—Ai credo! Grandes porcas! Não se póde ser pessoa limpa no meio desta frandulagem! Então não querem lá ver o atrevimento?!

Era um rapaz amaneirado, fato branco com sugidades de mascarra, todo ele ademanes equivocos, quem assim nos interrompia a conversa em vias de bom termo para a noticia.

—Ora! Ora! Ora! Parece impossivel! Atrevidonas...

Preguntou-se-lhe o que tinha acontecido, e ele explicou, agitando, colerico, um cabaz todo desásádo e só com meia tampa:

—São aquelas porcas que me estão a fazer cócegas. Julgam que eu cá que... Veja lá o senhor o estado em que me puzeram o casaco?!

O casaco do melindroso personagem tinha, realmente, no sitio dos rins, umas dedadas comprometedoras. As mulheres começaram, em côro, a rir da vitima, que dava por paus e por pedras por lhe terem amarrotado a andaina engomada; e o freguez não teve remedio senão desistir, indo dali a jurar que nunca vira gente tão selvagem, não obstante ter sido já embarcadiço.

* * *

Lá dentro, o carvoeiro e a familia, iam almoçando tranquilamente, fiados num letreiro afixado na parede, no qual prevenia que das 13 ás 15 estava suspenso o negocio. Entrámos porque só para vender carvão é que os empregados se consideram impedidos na comezaina. Efectivamente, a uma mesa sem toalha, metida num cubiculo estreito, abancava todo o pessoal da casa. Caras enfarruscadas, camisas da côr do sujo para não denunciarem a falta de lavagem, os carvoeiros tasquinavam iguarias, numa indiferença absoluta pelo desespero dos que sob um sol abrazador, se apertavam, cá fóra, na «bicha».

Foram comendo, foram comendo; veiu fruta; veiu sobremesa; um dos comensais, de empanturrado, encostou-se, a certa altura, ao tabique, como para ajudar a tarefa trabalhosa do estomago; e a gente teve a impressão de que a loja era uma barraca de negreiros, e a «bicha» uma récua de escravos famintos.

* * *

Na rua ferviam, entretanto, os comentarios:

—Louvado seja Deus! Até para nos levarem o dinheiro temos de pedir por esmola. Ao que nós chegámos! Quem viu estes ranhosos e quem os vê! Ou agora, ou quando eles andavam de casa em casa a choramingar que lhe comprassemos as bolas!

Ouviu-se um grito; uma mulher caiu nos braços dos que lhe estavam proximos, e lá a levaram em charola para algures. Eram duas horas da tarde, e a pobre, alagada em suor e sem se ter alimentado, esperava por vez, a pé firme, desde as 10 horas da manhã!

* * *

Discutiu-se o caso. Cresceram de tomo as maldições e as pragas. Mulheres e homens emitiram seus juizes, num falatorio em que ninguem se entendia; e... a paginas tantas, por virtude de qualquer desacordo que não houve tempo de averiguar, uma rapariga estampou o cesto nas bochechas dum cidadão. O cidadão clamou vingança e quiz espatifar ali a esmo a agressora; outro cidadão aconselhou cordura; um soldado da Guarda Republicana interveiu, e, para apaziguar, dispôz-se numa decisão, a fazer em postas o paisano; os outros paisanos protestaram; veiu um oficial de Marinha e impôz a sua autoridade; a «bicha» foi-se agitando; o tumulto foi crescendo; até que, tendo-se o carvoeiro resolvido a fazer a digestão do luculiano almoço, as portas se reabriram e cada qual julgou de melhor aviso não perder o lugar que desde manhã estivera a conquistar com unhas e dentes, como na defeza duma trincheira.

Como, felizmente, não apareceu policia algum a serenar os animos, a desordem não teve consequencias de maior; e o homem da carvoaria este comentario final:

—Oh! raios os partam! Que nem uma pessoa póde comer socegado!... Então hein?!

LIBRAS--FRANCOS--PESETAS
EM NOTAS
VENDEM OS CAMBISTAS
A. J. D'ALMEIDA & C.A
RUA DO COMERCIO 172—17[illegible]

O INTERCAMBIO

A obra DE AMISADE ibero-americana e o poeta mexicano D. Juan de Castro

D. Juan Castro y Cervantes, poeta mexicano, autor da «Lira errante» e de varias poesias esparsas em folhetos, em revistas literarias e em jornais, vive ha 9 anos em Espanha e veiu agora a Portugal, em viagem de recreio. Percorrerá todas as regiões portuguesas, regressando depois a Espanha. E quiz saudar, por intermedio do «Diario de Lisboa», os intelectuais portugueses.

Algumas palavras trocadas á presa:

—Em Espanha procurei conhecer os intelectuais. Ha homens de verdadeiro merito, sendo aquele paiz, como universalmente é conhecido, o paiz da nobreza e da fidalguia.

—Concluiu...

—Que nós, os latinos-americanos, não nos devemos considerar, em Espanha, estrangeiros, mas verdadeiramente irmãos, porque achamos nesse velho paiz todas as considerações, proporcionadas pela mais nobre hospitalidade.

E D. Juan Castro tem palavras do mais quente entusiasmo por essa Espanha fidalga e toureira que só é odiada por quem a desconhece:

—Pude observar que, desgraçadamente, se ignora, tanto em Espanha, como em Portugal, o verdadeiro interesse—já não se diga necessidade imperiosa—de que nestes nobres paizes se tenha exacto conhecimento do que é a America, assim como na America se deve procurar conhecer os grandes valores intelectuais e materias que para ela teem a Espanha e Portugal.

—As observações que fez em Espanha...

—Posso repetir-lhas em Portugal. Porque tambem aqui encontrei um galante e generoso acolhimento e pude admirar as manifestações duma grande cultura e as insuperaveis belezas que a natureza prodigamente espalhou nestes paraizos dignos de ser cantados pelos mais inspirados poetas. Seria para mim uma grande satisfação ver que se iniciavam e se podiam levar a cabo trabalhos tendentes a uma aproximação espiritual que teria por resultado o estabelecimento de rapidas e faceis comunicações entre a America e estes velhos paizes.

E a terminar:

—Creio que é uma necessidade, tanto em Espanha e Portugal, como na America, preocuparem-se, tanto os intelectuais como os homens de negocios, para que se realize essa aproximação a que me referi e que será um grande beneficio e um grande factor do desenvolvimento de todos os interesses, quer da America, quer das gloriosas nações que hoje percorro, admirando-as em toda a sua grandeza.

Algumas das obras mais importantes de cimento armado, executadas com CIMENTO CONDOR

Trabalhos de fortificação dos Campos Entrincheirados de Liège (Belgica).
Novos fortes em redor de Anvers (Belgica).
Novos Caes do Sul (Anvers-Belgica).
Fabrica de Electricidade, Liège (Belgica).

Depositarios para o Sul do País: RAUL VIEIRA, LTD.
Rua da Prata, 51—Tel. 3586 e 2194 C.

Sapataria Contente, L.da

RUA DO CARMO, 74

Saldos de calçados finos

Botas para homem, formatos modernos a . . Esc. 75$00
Sapatos para homem, formatos modernos a Esc. 65$00
Calçados para creança, desde . . . . Esc. 20$00

GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:

R. JANEIRO 1908 · ANVERS 1894 · BELEM 1895 · LONDRES 1904 · LISBOA 1888 · PARIS 1900

MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1918, ETC.

Xarope Peitoral James

Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado.
Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.

DEPOSITO GERAL FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147—LISBOA
Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

ELA ENTUSIASMA TODAS AS IDADES

Altura da «Remington Portatil» dentro do seu estojo 10.16

A «Remington Portatil» é uma maquina de escrever portatil que tem teclado - - universal - -

«Remington Portatil»

A PEQUENA MAQUINA DE GRANDE EXITO

PRONTO E PRESTAÇOES

109, RUA NOVA DO ALMADA LISBOA

AMOSTRAS GRATIS

Solano

DEPOSITARIOS
FIGUEIREDO & TELLES, L.DA
RUA ALVES CORREIA, 45, 1.º
TELEFONES 3156 e 3697-N, TELEGRAMAS: FITELES
LISBOA

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Côte d'Azur

É O MELEOR VINHO ESPUMANTE

Unicos depositarios no Continente, Ilhas e Africa:
Mercantil Continental e Insular
R. dos Bacalhoeiros, 37, 41

AZEITES

REFINADOS PARA
CONSERVAS
DA ACREDITADA CASA
CARBONELL & C.A (S. em C.)
CORDOBA

Pedidos e amostras aos agentes exclusivos para Portugal
J. NARCISO, L.DA
Rua dos Alamos, 7—LISBOA
Telef. 3121—N.

Vinho Colares

V.S.

Visconde de Salreu

Todos o devem preferir, é o unico que se bebe em Lisboa engarrafado na origem
Premiado com medalha de ouro e diploma de honra na Exposição do Rio Janeiro
Pedidos a D. J. Silva L.tda
Rua Rodrigues Sampaio, 15
Telefone n.º 1711

PÓ RODRIGUES

O melhor para destruír toda a qualidade de insectos, como: formigas, pulgas, traças, baratas, etc.

A venda em todas as drogarias, lojas de ferragens e merçearias

Depositarios: SALVADOR BARATA, L.DA
RUA DAS GAIVOTAS, 19-A

Fabrica de

Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.A
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.º 1244
LISBOA

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

PEREIRA

ALFAIATE

Confecções para homens e senhoras
PREÇOS SEM COMPETENCIA
R. DA PRATA, 206, 1.º

AO COMERCIO

A Leitaria Mondego, Rua dos Cavaleiros, 12, convida todos os seus credores a virem reclamar até ao dia 16 do corrente, na Rua Eugenio dos Santos, n.º 2, os seus creditos, findo este praso, considerará liquidadas as suas contas.

Lisboa, 8 de Agosto de 1923.

Manuel Migueis Gonçalves

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DA RUSSIA

TOLSTOI FAZ ESCOLA

A tolerancia dos "sovietistas" para com o escritor

REVAL, 13

Um jovem discipulo de Tolstoi de nome Siniskhin, solicitou ás autoridades de Moscou para ser isento de serviço militar sob o pretexto de que não podia ser militar devido á sua forma de pensar, porque era um adepto do culto de Tolstoi e esse culto não lhe permitia entrar em guerra. As autoridades resolveram que Siniskhin não seria incorporado no exercito activo mas que se fôsse necessario seria incorporado no corpo de saude ou no secretariado. Do resto, apesar de estar em idade militar Siniskhin não foi chamado ao serviço devido á redução do exercito a meio milhão de soldados. Este facto demonstra por parte das autoridades dos «soviets» uma tolerancia maior e o reconhecimento do culto de Tolstoi que até aqui era olhado com desconfiança. O governo dos «soviets» já não pensa como antigamente que todos os que não estão com ele são contra ele.—(R.)

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.° — RUA AUGUSTA — 70, 2.°
TELEF. C. 1196

Antonio José Pereira de Mello

FALECEU

Mathilde Augusta Carvalho Pereira de Mello, Augusto de Carvalho Pereira de Mello, Carlos de Carvalho Pereira de Mello, D. Carolina de Carvalho Pereira de Mello, D. Maria P. Mello Mascarenhas Valdez, Ayres Mascarenhas Valdez, D. Amalia de Carvalho Barcelos cumprem o doloroso dever de participar ás pessoas de suas relações o falecimento de seu chorado marido, pae, sogro, irmão e cunhado e que o seu funeral se realisa no dia 14 pelas 4 1\|2 da tarde saindo o prestito funebre da sua residencia, rua dos Caetanos, 21, para o cemiterio Oriental.

Antonio José Pereira de Mello

FALECEU

Spilhano & C.ª participam aos seus amigos o falecimento do seu chefe Antonio José Pereira de Melo e que o seu funeral se realiza no dia 14, pelas 4 1\|2 da tarde, saindo o prestito funebre da sua residencia, rua dos Caetanos, 21, para o cemiterio Oriental.

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

A nota BRITANICA aos governos francês e belga

O QUE PENSA A INGLATERRA das reparações e da ocupação do Ruhr

O governo britanico apresentou anteontem ao Parlamento toda a documentação relativa aos problemas das reparações e da ocupação do Ruhr; sendo, sobretudo, interessante a ultima nota enviada de Londres á França e á Belgica, da qual só havia, até agora, noticias sem fundamento seguro.

Essa nota exprime o mais sincero desapontamento pelas respostas dos governos belga e francês á nota britanica que acompanhou a proposta de projecto de resposta á Alemanha, e acrescenta que a nota belga propõe que a nova investigação á capacidade alemã, que a França aceita, seja condicional, devendo ser obtidas vantagens pecuniarias para a França e a Belgica pelas despesas feitas a mais pelos outros aliados.

Oficial e semi-oficialmente, a França pronunciou-se pelo minimo pagamento de 26 biliões de marcos-ouro, soma essa em que não se encontram os debitos aos governos britanico, americano e belga, num minimo de 5 biliões, para os quais, ou para parte dos quais pede agora prioridade. A nota examina estes numeros em relação ás percentagens estabelecidas em Spa, e mostra que, devido ao facto de os acordos de propriedade, terem sido feitos quando a soma a obter da Alemanha era imensamente maior, se alguma coisa agora fôsse recebida, a Belgica obtinha uma quantia excedente á de qualquer outra potencia, — aproximadamente 300 milhões esterlinos.

Como o governo francês reclama vinte e seis biliões, além das suas dividas de guerra, que se elevam a vinte e sete biliões, se estas fôssem canceladas, pediria entre três e quatro vezes mais do que quando existiam acordos.

Esta dificuldade surge no campo de falencia da Alemanha, prejudicando proporcionalmente a Grã-Bretanha para colocar a França em mais favoravel posição do que a que tinha na lista dos pagamentos, não havendo justificação para isto.

A prioridade concedida ao material destinado á reconstrução das aldeias destruidas na França e na Belgica altera sériamente a proporção das reparações propostas pela Inglaterra, afectando grave e adversamente os outros aliados. O governo britanico não o póde admitir, sem uma revisão das percentagens de Spa.

Depois de se referir aos prejuizos materiais sofridos pela Inglaterra e de fazer notar que esta foi obrigada a dispender ... milhões de esterlinos depois do armisticio, com os desempregados, lembra que o governo britanico diminuiu o montante das dividas dos aliados para com ele, a fim de lhes facilitar o seu pagamento; sendo justo, portanto, que os aliados façam, agora, algum sacrificio, modificando as percentagens estabelecidas em Spa.

De resto — acrescenta — a Comissão inter-aliada, fixando em 132 biliões de marcos-ouro a soma das reparações, fê-lo por uma simples estimativa dos prejuizos aos quais era devida reparação pelo tratado, sem olhar á capacidade de pagamento da Alemanha.

Sobre as asserções francesa e belga da especial qualificação da comissão de reparações para proceder ao inquerito, lembra que, na ausencia do representante americano, a França e a Belgica estão em posição de, com o auxilio do voto de desempate do presidente francês, não aceitarem resolução alguma apresentada pelos representantes britanico e italiano; sendo notorio que, nestas circunstancias, a comissão se torna num instrumento da politica franco-belga.

Quanto á organização duma comissão imparcial de peritos, proposta pelo governo britanico, entende este que a sua mais valiosa constituição compreende não só as potencias interessadas nas reparações, mas tambem a da America, que tomaram parte na ultima guerra; sendo desejavel tambem a presença da propria Alemanha.

Passando á ocupação do Ruhr, o governo britanico faz notar que tem indicado ao governo alemão a revogação das ordens e decretos que organizaram a resistencia passiva, mas não póde insistir na cessação dessa resistencia, sem condições, seguindo a tese de que ela é contraria ao tratado e de que a ocupação foi efectuada em virtude da autoridade conferida pelo paragrafo dezoito do anexo dois da parte oitava do tratado.

O governo alemão contestou que tal operação não constitui e propria interpretação de tal paragrafo, que se refere a proibições e represalias de ordem economica e financeira. As mais altas autoridades da Grã-Bretanha foram de parecer que a cantestação do governo alemão é bem fundada, e o governo britanico é de opinião, portanto, que a acção franco-belga não é sanção autorisada pelo tratado. Desde que existem diferentes interpretações sobre uma parte do tratado, elas não pódem ser resolvidas pela comissão das Reparações, mas sim entre os governos aliados e o alemão, mediante arbitragem do Tribunal Internacional de Justiça.

Acresce que, teimando ambos os governos que a evacuação só se efectuará á medida que forem sendo feitos os pagamentos, a ocupação, se fosse possivel a Alemanha pagar normalmente, levaria cerca de 36 anos a efectuar. Mas, como é improvavel que ela possa satisfazer a escala de pagamentos, a ocupação alarga-se infinitamente, se não se perpectua.

Esta situação politica, cujas consequencias economicas só podem ser descritas como um desastre, não póde ser encarada, pela Inglaterra, como duma grande importancia; não só porque se deve conjurar o perigo de as relações internacionais serem afectadas, mas ainda porque o governo britanico espera que os governos belga e francês reconsiderem sobre o perigo que representa para o mundo a infinita ocupação da região mineira.

Passando á questão das dividas inter-aliadas, a nota diz que a Grã-Bretanha limita os seus pedidos aos aliados e á Alemanha á soma aproximada de 14.200 milhões de marcos-ouro, que representa o actual valor da divida inglesa aos Estados Unidos.

As concessões que o governo britanico póde oferecer, nas dividas inter-aliadas, depende largamente da importancia que puder receber da Alemanha, depois de regulada a questão das reparações e em face do real, valor financeiro dos pagamentos, garantidos por uma fiscalização economica de preferencia a uma ocupação militar; pois é preferivel obter o dinheiro dum devedor com recursos do que consegui-lo pela força.

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.° 3, 1.° (Proximo á estação).

ATLAS
O MELHOR CALÇADO
CAMPO E PRAIAS
Antes de partirem forneçam-se na Casa Atlas.
Rua do Ouro, 198

DE DUBLIN

ELEIÇÕES NA IRLANDA

A propaganda provoca uma rixa entre as mulheres

DUBLIN, 13,

O partido governamental inaugurou a campanha eleitoral ontem com uma grande demonstração no Green College desta cidade. Discursaram os senhores Cosgravo, Mulcahy, Ohiggins e outros. Houve varias tentativas por parte dos republicanos para interromper os oradores e criar tumultos mas sem sucesso. O plano dos republicanos foi de colocar pequenos grupos de mulheres á roda da plataforma dos oradores que começará a gritar durante os discursos. Mrs. Gonnie Mac-Bride conduziu esses destacamentos de mulheres levando bandeiras em que estavam inscritos os nomes dos republicanos que foram executados. Estas mulheres tentaram tomar a plataforma de assalto mas não o conseguiram tendo-lhe sido arrancadas as bandeiras e rasgadas. As mulheres partidarias do governo entraram em colisão com as mulheres republicanas havendo muita gritaria, más palavras e socos. As combatentes foram separadas sem que houvesse caso de maior. Judge Cohalan chegou de New-York tendo sido muito bem recebido. Declarou que os irlandeses americanos desejavam a proclamação da republica na Irlanda e que já se tinha dado um grande passo em direcção a esse ideal mas que estavam desgostosos pelos tumultos dos ultimos anos.—(R.)

Dr. Cordeiro Lobato
Gargenta — Nariz — Ouvidos
Das 4 ás 6 — Chiado 36, 2.° — Tel. C. 5020

Calçado para Campo e Praia
O mais barato de Lisboa
SAPATARIA CHIADO
96 — Rua Garrett — 98

Dr. A. Pina Junior
Doenças das crianças Cirurgia infantil
Das 4 ás 6—CHIADO, 36, 2.°—Telef. C. 5020

Antonio José Pereira de Mello

Director do Banco Commercial de Lisboa

FALECEU

O Presidente da Assembleia Geral e os Corpos Gerentes do **Banco Comercial de Lisboa** cumprem o doloroso dever de participar a todos os Snrs. Accionistas, e aos seus Amigos, o falecimento do estimado membro da Direcção, sr. Antonio José Pereira de Mello, e que o seu funeral se realiza, terça-feira, 14, ás 16,30 horas, sahindo o prestito funebre da casa da sua residencia, Rua dos Caetanos, 21, para o Cemiterio do Alto de S. João.

Agradecem a comparencia.

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

OS ABASTECIMENTOS

PEIXE EM FARTURA

45 TONELADAS estão no Tejo

a bordo do vapor "Geanco"

Depois duma crise enorme de peixe, devido á greve maritima, chegou hoje ao nosso porto o barco *Geanco*, ao serviço do Comissariado Geral dos Abastecimentos, trazendo uma carga de 45 toneladas—predominando a pescada.

Em conversa com o activo comissario—apurámos o seguinte:

—As dificuldades que se levantaram para a descarga foram horriveis. O pessoal fez tudo quanto poude para obstar a que ela se fizesse. Todavia, estavamos prevenidos e a descarga fez-se sem obstaculos que não podessem ser removidos de pronto.

—A que horas começou a entrega do peixe?

—A's 11 horas da manhã. O mal foi o barco não ter chegado de noite, como se esperava que chegasse.

—Venda directa ao publico, não é verdade?

—Sim. O peixe foi distribuido pelos armazens reguladores que atingem já o numero de 40. Hoje foram abertos novos postos em Carcavelos, largos do Rato, do Convento de Jesus, dos Inglesinhos, Estefania, Parede, Amadora e Belas.

—A que preço foi vendido o peixe?

—Hoje foi feito um preço a *grosso modo*... Vendeu-se pescada a 4$000 o quilo, a marmota a 3$000, o cachucho a 2$000 e o chicharro a 1$000.

—E ámanhã?

—A'manhã o peixe será vendido, mais ou menos, pelos seguintes preços: chicharro a 1$000, cachucho a 1$500, pescada media a 3$000 e a grande a 4$000.

—A que horas é feita a descarga ámanhã?

—A's 6—sendo o peixe distribuido, por conseguinte, mais cedo pelos diferentes postos.

—Os armazens reguladores têm apurado receitas importantes?

—Sem duvida. 100 contos por dia—o que é já importante. A concorrencia é enorme pois os generos são vendidos numa media de 35 0|0 de abatimento. Voltando ao peixe, o Comissario dos Abastecimentos que está desenvolvendo uma grande actividade, de maneira que os armazens reguladores possam cumprir cabalmente a missão para que foram creados, disse-nos:

—Foi preciso requisitarmos policia para obstar a que as varinas se apossassem do peixe. Todas o queriam arrematar, com mira na especulação. Ora é pretenção e fim dos armazens reguladores acabar com lotas—efectuando vendas directas, de forma a não ser lesado o consumidor. Emfim, tudo corre pelo melhor. 45 toneladas, numa epoca má, como a de agora, a epoca da desova—é, na verdade, importante.

MARIO MONTEIRO

ADVOGADO

Encarrega-se de qualquer assunto e dispõe de agentes no Brasil

Consultas das 10 ás 12 e das 15 ás 17.

Telef. 5432—Norte

R. Gremio Lusitano, 40, 1.º—(«Jornal da Europa»)

PROVEM TODOS OS NOVOS

REBUÇADOS DE FRUCTA

ALIANÇA

FABRICADOS NAS SUAS NOVAS INSTALAÇÕES POR PESSOAL SUISSO, SÃO

SUPERIORES AOS EXTRANGEIROS

PELA RAÇA

O "SPORT" e o Parlamento

O que disse ao "Diario de Lisboa"

o deputado Julio Gonçalves

Foi no terraço do *Peninsular* da Figueira da Foz, que o dr. Julio Gonçalves, prestigioso deputado do circulo, nos deu a entrevista que abaixo segue.

Muito deve a causa desportiva ao dr. Julio Gonçalves,—fundador do Grupo Desportivo Parlamentar e um dos deputados que a dentro do Parlamento mais tem pugnado pela causa desportiva.

Recaiu naturalmente a conversa sobre o que o Parlamento tem feito a favor do desporto, e sobre o que poderia fazer. O programa de trabalhos que o distintissimo entrevistado, nos revelou, é de tal modo interessante que para ele chamamos a atenção—em especial—dos directivos dos nossos clubs e das nossas federações, pois que muito directamente esses trabalhos, por eles devem ser seguidos.

* * *

O mais recente trabalho das duas camaras, sobre desporto nacional, foi o da aprovação da lei de insenção de impostos aos clubs.

Falando dele, nos disse o dr. Julio Gonçalves:

—Foi em 13 de junho do ano passado, que eu apresentei na Camara dos Deputados um projecto que isentava os clubs de todas as contribuições e impostos aduaneiros—fosse qual fosse a sua classificação—*existentes e por crear*.

—Mas a proposta aprovada..

—Sim, é diferente. A proposta agora aprovada—e apresentada pelos ministros das Finanças e da Instrução—não é tão lata nem tão util, como a que apresentei no ano passado. Note que o meu projecto está ainda pendente...

«O Parlamento, como sabe, está em ferias. Quando reabir, em Outubro, espero dele muita obra util para o desporto nacional.

—Um programa?

—Vastissimo! Tenho uma serie de propostas a apresentar—umas já completas, outras que estou estudando e completando nesta deliciosa terra da Figueira.

—Entre elas?

—O Estado inscreverá no orçamento do ministerio dos Negocios Estrangeiros, *anualmente*, a partir 1923-24 inclusivé, *a verba minima de 100 contos*, para representação de Portugal nos Torneios desportivos internacionais.

«A verba de 30 contos votada para as Olimpiadas, é redusidissima. De resto, 30 contos de quatro em quatro anos, tem seu quê de ridiculo pela escassez.

«Não imagina quantas dificuldades houve agora para conseguir 4.000 liras para a representação do Sport Club do Porto, campeão de Portugal de remo, nos campeonatos europeus que se disputam provisoriamente em Italia. Se não fossem os esforços de Domingos dos Santos e de João Camoesas...

«Se o meu projecto fôr aprovado todas essas dificuldades cessarão.

—Outros projectos...

—Tenho um outro, para que sejam instituidos anualmente os seguintes premios:

2.000 escudos para o club que ganhar o campeonato de remo; 2.000 escudos para o club que ganhar o campeonato de *foot-ball*; 2.000 escudos para o que ganhar o campeonato de desportos atleticos; 1.000 escudos para o campeonato de natação *em fundo*; 1.000 escudos para natação, em velocidade; 1.000 escudos para a travessia de Lisboa (natação); 1.000 escudos para a sala ou club que ganhar o campeonato de espada; 1.000 escudos para o campeonato de *box*; 1.000 escudos para o de *water-polo*; 1.000 escudos para o de hipismo.

«Note bem que estes premios são: *para os clubs e não para os atletas*. E isto lhe digo para rebater certas afirmações vindas a publico em alguns jornais. Exceptuar-se ha o premio de hipismo, porque neste ramo de desporto, ha muito profissionalismo com premios monetarios individuais. E ainda o do premio de 5.000 escudos para o campeonato de aviação—campeonato que ainda resta crear e regular.

—Ha mais?

—Ha. E' necessario crear adentro do Parlamento uma comissão de Educação Fisica e Desportos. Para que julguem da utilidade de tal comissão, lhe direi apenas que todos os projectos referentes ao desporto, têm sido apreciados pela comissão de Ensino Especial e Tecnico!

«Penso ainda na creação duma Escola Naval de Educação Fisica.

—E como aceitará o Parlamento essas propostas?

—Espero que—bem. Ha muitos deputados e senadores que se interessam por estas coisas. Entre os mais dedicados lhe citarei: Pires Monteiro, Torres Garcia, Joaquim Ribeiro, José Pontes, José Domingues dos Santos, Mendes dos Reis, Pina de Moraes, João Camoesas, Sebastião Heredia, etc...

—Ha quem se queixe da inacção do Grupo Desportivo Parlamentar...

—São injustos os que o fazem. Nunca representante algum dos clubs ou das federações, veiu até nós, pedir, incitar, aconselhar ou expor rasões. Não podemos advinhar as suas pretensões...

«Diga no *Diario de Lisboa* que eu convido os clubs e as federações, a que nos procurem».

O entrevistado tem uma pausa longa, para terminar a entrevista com esta revelação *á sensation*:

—Estou estudando um projecto para apresentar ás Camaras, para acabar de vez com a dificuldade maxima com que lutam os nossos clubs de desportos.

...?

—Por esse projecto, os clubs ou as federações—não defini ainda o *modus-faciendi*—poderão requerer a expropriação por utilidade publica, dos terrenos de que necessitem. Tenciono, nessa proposta, dar lhes—aos clubs ou as federações—poderes para que possam fazer as expropriações como as fazem o Estado, as Camaras Municipais e as Juntas de Paroquia.

—O pagamento?

—O pagamento dos terrenos ou das propriedades será feito de acordo com o valor inscrito na matriz.

E com esta sensacionalissima revelação, fechou a entrevista que nos deu o deputado dr. Julio Gonçalves, no terraço do *Peninsular* da Figueira da Foz.

C. S.

Ministro do Comercio

O sr. ministro do Comercio parte no comboio correio desta noite para Arcos de Val-de-Vez, onde vai acompanhar sua familia. O sr. dr. Queiroz Vaz Guedes demora se oito dias naquela vila.

Viagem aéria a Espanha

Na proxima quarta-feira, de manhã, saem de Tancos para Badajoz, aonde vão assistir ás festas daquela cidade, a convite das autoridades espanholas, dois aviões portugueses pilotados pelos distintos aviadores srs. Ribeiro da Fonseca e Santos Leite. De Badajoz, seguirão para Sevilha, tambem pelo ar.

POLITICA DA TARDE

FICOU RECOMPOSTO

ESTA TARDE o ministerio

Antonio Maria da Silva

Jornais que mais fantasiam do que informam, anunciaram ao mesmo tempo que o «Diario de Lisboa» assegurava aos seus leitores uma recomposição ministerial, a queda do gabinete Antonio Maria da Silva. Triunfaram as nossas informações.

O ministerio ficou hoje recomposto apoz varias «démarches» e conferencias. Para a pasta das finanças vai sr. Velhinho Correia, para a marinha transita o sr. Fontoura da Costa e na Agricultusa é colocado o sr. Joaquim Ribeiro.

Mais uma vez o chefe do governo conseguiu debelar uma crise total com a habilidade que lhe é peculiar e que os seus adversarios atacam como improductiva.

Como dissemos o snr. Antonio Maria da Silva fica sobraçando a pasta de guerra, continuando o snr. Maia Magalhães, que não quiz ser ministro, a chefiar o gabinete daquele ministerio. O snr. Victorino Guimarães que ficou empanturrado de finanças sem dinheiro para uma larga temporada, não voltará tão cedo a ser ministro.

O seu descontentamento da politica e dos politicos é muito grande. Esteve hoje pondo em ordem o resto da papelada do seu gabinete onde só voltará para fazer um sincero discurso de boas-vindas ao seu sucessor e desejar que ele conserve a pasta por muitos anos e bons...

O conselho de ministros não reuniu hoje, estando marcada reunião para amanhã ás 14 horas. Os novos ministros tomam amanhã posse.

Entre marido e mulher

Constantino Ferreira, de 54 anos, teve, com Rosa Fernandes, com quem vive ha 12 anos, na Calçada do Duque de Lafões, uma questão, na qual interveiu um enteado do Ferreira, Felismino Fernandes, de 16 anos.

O Constantino foi agredido pelo Felismino, com uma facada no peito e outra nas costas, recolhendo ao hospital de S. José.

O agressor evadiu-se.

CARTAZ

S. Carlos—Ás 21,30—«A casa em ordem».
Nacional—A's 21—«Os 20.000 dollars».
S. Luis—A's 21,45—«Fado corrido».
Politeama—A's 21—«A Ventoinha».
Avenida—A's 21-15—«Bichinha gatá».
Apolo—A's 21,15—«As Pupilas do sr. Reitor».
Maria Vitoria—A's 20,45 e 22,45—«Fado corrido».
Eden—A's 21 e 22,45—Variedades.
Eldorado—A's 21—Variedades.
Circo da Feira—A's 21—Variedades.
Coliseu dos Recreios—Não ha espectaculo.
Gil Vicente—A's 21—«D. Cesar de Bazan».

Animatografos e variedades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Fechado para obras).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos—Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

Dr. Manuel Barbosa

CLINICA GERAL

RUA DO OURO, 191